

# TRIBUNA ACADEMICA

FOLHA QUINZENAL

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

Escriptorio e Redacção—Praça do Conde d'Eu 32, 2.º andar.

## Memorandum

- Junho 30, 1836: Morte de Roujet de L'Isle, autor da Marselheza.
- Julho 1, 1420 : Descoberta da Ilha da Madeira por João Gonçalves Zarco.
- “ 2, 1823 : Entrada do exercito pacificador na Bahia.
- “ 3, 1778 : Morte de João Jacques Rousseau, celebre escriptor, nascido em Geneva em 1712. Viveu em França e morreu na villa d'Ermenonville.
- “ 3, 1842 : Limpo de Abreu, Geraldo Bastos, França Leite, Soares de Meirelles, J. F. Guimarães e Torres Homem são deportados para Lisboa;
- “ 4, 1776 : Proclamação da independencia dos Estados Unidos.
- “ 4, 1789 : Morte do poeta Claudio Manoel da Costa.
- “ 4, 1848 : Morte de Chateaubriand, grande escriptor, nascido em Saint Malo em 1768. Sobre um rochedo, á beira do mar, perto de sua cidade natal, vê-se o tumulo de Chateaubriand.
- “ 6, 1871 : Morte de Antonio de Castro Alves, o inspirado poeta dos escravos.
- “ 8, 1497 : Parte de Lisboa Vasco da Gama para o descobrimento da India.
- “ 8, 1826 : Nasce no Rio de Janeiro o poeta Laurindo Rebello.
- “ 10, 1865 : O Imperador parte para o Sul, ao ter a noticia da invasão paraguayana no Rio Grande do Sul.
- “ 11, 1866 : A vanguarda argentina é atacada pelos paraguayos em Italy-Cará, estes são repellidos com grandes perdas.
- “ 12, 1637 : Fundação da Academia Franceza.
- “ 13 1793 : Morte de Marat, apunhalado no banho por Carlota Corday.
- “ 13, 1553 : Chega á Bahia D. Duarte da Costa.
- “ 14, 1553 : Morte de Frei José Marianno da Conceição Velloso, autor da *Flora Fluminense*.
- “ 14, 1223 : Morte de Phelippe Augusto, que durante um reinado de 43 annos reunio á França a Normandia, a Anjou, a Maine, a Touraine, o Berri, o Poiten, o Auvergne e o Artois.
- “ 14, 1789 : Tomada da Bastilha.
- “ 14, 1802 : Inauguração da Legião de honra.

## TRIBUNA ACADEMICA

### Roujet de L'Isle

A França republicana pranteia hoje o passamento d'um seu filho dilecto.

O cerebro do universo, na phrase de Victor Hugo, teve na epocha da Grande Revolução, muitos heróes, muitos martyres da liberdade.

Roujet de L'Isle foi um delles.

Os patriotas de 89, não tiveram só em vista, n'aquella lucha, a mais heroica e proveitosa da historia moderna, a regeneração de sua nacionalidade, por meio do progresso ; foram mais longe : aboliram os privilegios inconfessaveis que sempre acompanham as monarchias, fazendo vingar em ondas de sangue, a ideia de igualdade perante a lei.

Escudada a Revolução, n'uma philosophia adiantada, plantou a democracia entre os povos, rendendo assim culto sublime não só aos principios da liberdade politica, como tambem ao ideal de que primeiro fallou Henrique IV e que para o futuro será uma realidade, o cosmopolitismo.

Os codigos de quasi todas as nações foram então modificados.

Qual foi o estado, que não sentio os efeitos de tão notavel hecatombe ?

E' exactamente esse o lado mais brilhante da revolução franceza : derribando instituições decrepitas, deu bella licção ao mundo.

Nessa grande batalha da liberdade humana, na qual o povo fez por sua vez despotismos, afim de fazer vingar direitos conspurgados, pela realza, uma estrella se elevou

muito na constellação dos reformadores.

Essa estrella sem offuscar o brilho das outras, dardejou um raio de luz, tão forte, que accendeu na alma dos cidadãos o fogo do entusiasmo para a lucha.

Referimo-nos a Roujet de L'Isle, produzindo a Marselhesa—o hymnosagrado para o coração republicano,—que chamando o povo para a barricada, lhe dizia que acima da autoridade satanica dos reis, está a soberania da lei !

Pois bem. Coincidindo a data que commemora a morte do grande cidadão com a publicação do sexto numero de nossa revista, não podiamos olvidal-a tanto mais quanto representamos a mocidade—a phase mais pnjante da vida,—e a quem compete annunciar a brilhante alvorada da Republica Brasileira, porque ella é o futuro, e o futuro é a luz.

**A pena é um elemento estatico e não dynamico na sociedade**

(Continuação do n. 4)

Se encarar-mos a pena, como uma força relativa, de accordo com a escola philosophica-positiva, quer sob o ponto de vista de sua intuição, quer sob o ponto de vista de sua execução, havemos de vê-la nesta sua trajectoria, já feita, atravez das idades e dos povos, transformando-se como qualquer producto dos labores humanos.

Ainda assim sob este novo ponto de vista, ella não variou em sua missão principal, foi sempre um regulador das instituições sociologicas.

A relatividade da pena póde ser estudada por duas formas distinctas: pelo lado theorico ou philosophico, e pelo lado pratico ou juridico.

Se para estudar a primeira forma formos percorrer a historia da hu-

manidade até onde chega a observação, havemos de encontrar dados os mais positivos, para reconhecermos que a pena é um producto da cultura humana, como são as indústrias e as artes, e por esta razão sujeita as mesmas evoluções.

Não será necessario tanto trabalho, se ponderarmos que a pena foi nas primitivas associações humanas, fundada no interesse individual, emquanto que hoje é baseada no interesse colectivo.

Isto basta para avaliarmos o que foi necessario para esta evolução e esta nova orientação penal.

Este progresso, esta nova face que apresenta hoje a lei, é uma prova de sua relatividade como um producto logico das necessidades individuaes.

Já hoje poucos são os povos conhecidos que não têm a verdadeira noção de pena como ella deve ser empregada.

Entre os barbaros, mesmo, só encontramos applicada a lei ou pena de talião com todo rigor primitivo nos Abyssinios.

Na Europa moderna o antigo uso da vingança desapareceu, ou só existe como excepção (1).

Eis, pois, o lado relativo da lei, quanto a sua intuição.

Já hoje nós vemos que a pena embora uma transformação da de talião, deve não só satisfazer o interesse da victima, como também o da sociedade (2).

Tratando-se de sua execução, a relatividade da lei pôde ser estudada com relação ao tempo, ao espaço e as condições das pessoas.

Quanto as duas primeiras fórmulas de execução, o tempo e o espaço, nada temos que acrescentar além do que se sabe, isto é, que a lei começa a obrigar e a ter efficacia no dia de sua publicação e só pôde obrigar e ser applicada aos homens, quando estes estão no paiz onde ella foi estabelecida.

Mas quanto a terceira, nós podemos observar muitas transformações no longo periodo que se nota, desde a sua primeira applicação até nós hoje.

Assim a pena que devia ser applicada a um assassino nas sociedades primitivas, era infligida a toda familia do mesmo.

Eram responsaveis pelo crime os membros da familia do delinquente e como taes punidos.

Era tão rigoroso este principio de responsabilidade colectiva, que entre os Australianos, as creanças de oito a nove annos quando ouviam dizer que um homem tinha morto outro, procuravam saber se

eram parentes do assassino, e no caso affirmativo fugiam da acção da justiça. (3).

Assim por muitos seculos foi a pena applicada; até que veio a lei israelita estabelecer, muito antes da romana o principio de só se dar o castigo ao criminoso.

Para explicação d'esta anomalia social dos povos primitivos, dá Henry Maine a seguinte razão: Para nós, hoje a sociedade é um aggregado de individuos, emquanto que aos olhos dos povos antigos a unidade era, não o individuo, mas a familia.

Eis ahi a completa explicação do emprego da pena como um castigo colectivo.

Já Cicero fallava d'esta culpa colectiva, e confessava que era cruel, castigar o filho pelo crime do pae, mas ao mesmo tempo considerava esta lei excellentissima sob o ponto de vista da utilidade, porque dizia elle, o amor do pae por seus filhos assegura a sua fidelidade ao Estado.

Ahi fica pois estabelecida a relatividade da pena sob o ponto de sua applicação ás pessoas de accordo com o progresso do espirito humano.

Do rapido e deficiente estudo que acabamos de fazer da pena sujeitando-a mais ou menos a todas as variações, nós podemos dizer sem medo de uma seria contestação, que a pena é um verdadeiro elemento estatico.

E que em todo tempo foi ella embora sob diversas apparencias, um principio observado e applicado como uma necessidade primaria.

Antes mesmo das organizações perfectas das sociedades e ainda mais, antes da clara intuição do que devia ser a lei, já a pena estava em execução.

E' por isto que Lefevre diz que a historia da penalidade começa antes da historia da lei.

Estas verdades e estas observações vêm nos mostrar ainda uma vez que em tudo, estamos certos quando affirmamos que a pena é um factor estatico.

Se não nos foi possivel fazel-a entrar n'esta ordem em que se acham certas forças sociaes, não foi sinão por falta de nossa parte, de estudos e observações, que mais esclarecem a these que formulamos e consideramos verdadeira.

De qualquer forma que se queira estudar a acção da pena como uma medida especulativa das sociedades, ha de se encontrar em seus effectos um caracter de força, agente e reparadora.

Isto desde as primeiras epochas de suas funcções até nós hoje, que a temos como tal.

SAMUEL MARTINS.

(3) Taylor—Sociedade Primitiva.

### Scena intima

Acordou de manhã muito contente  
A cantar a modinha favorita,  
E no meio da moda a moça grita  
Com uma dor que lhe ataca de repente.

Correm todos p'ra junto do sofá,  
Ella apenas respira descorada,  
Vae depressa, gritaram p'ra criada,  
Vae dizer ao doutor que venha já.

Ao chegar o doutor sem mais demora  
Toma o pulso da moça e o pae que chora  
Vae botar sobre a mesa o seu chapéo.

Está melhor, diz a mãe, ella sorrio,  
Uma grande melhora ella sentio,  
Respondeo-lhe o doutor: está no cáo.

BIANOR DE MEDEIROS.

### O suffragio das mulheres

#### III

Os escriptores que com mais calor combatem a emancipação feminina, esmorecem quando tem de provar scientificamente que o espirito da bella metade do genero humano é naturalmente fraco e até mesmo improductivo, attendendo ao insignificante gráo de cultura que recebe, mesmo nos estados mais adiantados.

Letourneau diz, que é quasi impossivel varonilizar a mulher, no seculo actual.

Esta proposição, comquanto partida de um nosso adversario nesta questão, que tanto se tem debatido na actualidade, encerra um argumento incontestavel, em favor da these que sustentamos.

Por ella se vê, que o espirito da mulher, uma vez cultivado, é capaz de grandes conquistas nos vastos ramos dos conhecimentos humanos, deixa de ser sómente perceptivo, para assumir uma posição mais benefica para a humanidade, por isso que pôde produzir.

Eis justamente o ponto que deve ser encarado como o principal, e que por si resolve o problema agitado—a educação.

Alguem, porventura, já provou com dados physiologicos que o cerebro da mulher seja tão acanhado que não possa conter ideias de elevado alcance, e psychologicamente que o seu espirito, embora convenientemente preparado, não possa ser autor d'uma originalidade se quer? De certo que não.

O facto de ter Broca demonstrado, que o cerebro do homem é mais pesado do que o da mulher—não pôde vir agora a apello.

Todo o mundo esperava que o cerebro de Gambetta, fosse bastante volumoso; no entanto verificou-se que tinha o mesmo peso, que o de qualquer homem vulgar. Se a terceira circumvolução cerebral, estava mais que desenvolvida, foi porque o grande patriota francez, dedicou-se sempre a tribuna, o que contribuiu, para ser acclamado um dos maiores oradores de sua epocha.

Abandone qualquer mulher as costuras e outras cousinhas do lar, do qual é só rainha, seja animada pela influencia de um meio benefico, adquira tanto amor ao livro como ás danças, atire-se ao estudo sério dos mais ardentes problemas scientificos e sociaes, que quando morrer, ha de, infallivelmente notar-se que o seu cerebro está bem desenvolvido e tanto como o de qualquer homem illustre.

A questão é simplesmente de cultura. Em nossa patria, infelizmente, muita gente suppõe, que a mulher que por uma fatalidade se tenha educado, que pense, reflecta, é um perigo (?). Segundo esse

(1) Taylor—A sociedade Primitiva.

(2) Lefevre—La Philosophie.

mesmo povo, o primeiro requisito d'uma boa esposa, é a ignorancia...

E' preciso que se entenda: quando se pede a emancipação da mulher, quer de baixo do ponto de vista politico, quer mesmo do moral, não se tem em vista excluir da sociedade a mãe de familia. Ahamos que uma cousa não prejudica outra.

O homem póde intervir em tudo, tem completa liberdade no intuito de cumprir o seu dever na sociedade, de melhor satisfazer o seu destino, no entanto é o chefe de familia, cuja responsabilidade é enorme, e augmenta na razão directa do desenvolvimento dos fillos.

Egger o erudito professor, exclamou um bello dia, que a razão e a experiencia têm-nos tornado menos timoratos, relativamente a educação scientifica da mulher.

Ao envez do governo brasileiro, gastar rios de dinheiro com os corpos diplomaticos, que como pessimos, são verdadeiramente inúteis, deveria crear estabelecimentos superiores destinados ao cultivo intellectual do sexo femenino.

Depois da mulher convenientemente educada, poder-se-ha então aquilatar, de suas capacidades, poder-se-ha ajuizar devidamente do merito de cada uma.

Não será conveniente uma tentativa?

Um notabilissimo escriptor (\*) já disse: A mulher brasileira é em geral, guardadas as proporções, mais intelligente que o homem—nota-se-lhe um certo desembaraço, uma certa viveza de intuição, que não é commum ao sexo masculino assignalado por uma tal ou qual inercia, devida talvez ao excesso do calor, a cuja malefica influencia o homem está mais exposto.

IV

Estudemos, pois, agora a questão pelos lados juridico e politico.

Ella não terá tanto interesse como o homem, em escolher os representantes do poder politico de seu paiz?

Ainda mais, pergunta *Stuart Mill*, a fraqueza de seu sexo, não será uma razão fortissima para ter direitos mais extensos que os homens?

Responde *Bluntschli*, que o interesse não dá a capacidade de governar,

Como ella poderá adquirir a tal capacidade, se a todo o momento, nega-se-lhe a instrução?

Se os poderes publicos, tratassem de disseminar a instrução por todos os pontos, se dessem a ellas "o alimento do espirito", certamente que o espectáculo vergonhoso da ignorancia que presenciámos em muitas nações, desappareceria. Nada mais logico.

Sim, porque a mulher uma vez preparada para as luctas da sociedade, por meio d'uma educação superior, estará, eu supponho, mil vezes apta para entrar na politica. Não me refiro a essa politica de campanario, de mesquinhas ambições, de aldeia, mas sim a essa grande sciencia, que ainda não se póde libertar da sociologia — a vida consciente da patria, — aquella, cujo complexo de principios, actuando effcazmente sobre a sociedade, dá-lhe calor e engrandecimento.

O lado, justamente da questão, que ora examino, mais difficil é o social, porque essa inexperiencia, esse temor, essa fraqueza, essa apparente inaptidão intellectual, que no estado actual, parecem caracterisar o espirito da mulher, principalmente a nacional, não procedem de sua natureza, e sim da defeituosa educação que os poderes publicos lhe despendem!

(\*) Dr. Tobias Barreto.

Se a mulher está sujeita a lei penal, quando commette um delicto, se os codigos das nações modernas a tornam responsavel quando pratica um crime; se paga impostos ao Estado, se, enfim diante do Direito Criminal, a sua posição de responsabilidade, é igual a do homem, se nesta esphera juridica, não é patente a sua inferioridade; porque, pois, não póde por meio do exercicio do sagrado e significativo direito do voto influir com o homem nos negocios publicos de seu paiz?

Se a sua natureza é differente da do homem, si por isto só pode ser mãe de familia, inhibindo esta missão aliás nobilissima de se fazer representar politicamente, eu devo concluir que essa responsabilidade que ella assume perante as leis desse Estado, é superior as suas pequenas forças e por isso é illegal e absurda!

Illegal, porque ella é igual ao homem, sob o ponto de vista juridico-penal, como acabamos de notar, e desigual sob o ponto de vista juridico-civil!...

Isto no Brazil, onde a legislação nesta parte, é mais que contradictoria. Pelo nosso Direito Civil ella é incapaz, e até mesmo fragilissima, são-lhe concedidas isempções e beneficios, no entretanto que pelo nosso Direito Penal, ella é tanto forte, tão capaz como o homem.

E' igual e desigual ao mesmo tempo!...

Sendo o suffragio universal, a *intervenção de todos nos negocios de todos*, é claro que a mulher não tendo o direito do voto, não só é estorquida em um direito, como o suffragio deixando parte de sua democracia, torna-se restricto, e ninguem o póde comprehender devidamente.

Eis o verdadeiro republicanismo!

Coherentemente republicano algum, póde furtar-se ao dever de pugnar pelo suffragio das mulheres.

O que será então do voto universal, sem esta intuição?

Se não fôra assim, o que seria da democracia segundo a mais moderna philosophia politica?

Não será um monstruoso absurdo que uma rainha tenha direito a suprema direcção d'um Estado, e uma mulher da mesma nacionalidade, não possa intervir por meio do voto nos negocios publicos?

Deixará ella, ao subir ao throno, de ser mulher, perderá de momento a sua incapacidade intellectual?

Perderá, perguntamos, o tal caracter de fraqueza, de temor, de impossibilidade que segundo a theoria opposta, lhe advem da natureza, ao galgar o throno?

A rainha sentirá em seu peito, o amor a patria com mais intensidade, com mais brilho do que outra qualquer mulher?

E' incrivel. E' impossivel.

V

Felizmente a evolução como suprema lei da sociedade moderna, e como principio da sciencia positiva, acaba de nos dar, mais de um dos seus fructos, nesta questão, cujos horisontes azues, tem sido de seis annos para cá, profundamente observados.

Do mesmo modo que o *espirito do tempo* essa força legal que sempre traz uma epocha, esse desenvolvimento ordenado da alma do genero humano, tem transformado o movimento litterario das nações civilizadas, descortinando largos horisontes ás investigações scientificas; assim tambem elle parece dar ao seculo XIX mais esta tendencia livre, qual a de emancipar-se a mulher moral e politicamente.

Tão grandioso momento ha de chegar; e, o impulso que terá a humanidade inteira com elle, será tão sublime e animador,

que os povos terão outra marcha mais altiva e civilisadora.

No mesmo dia, em que se tiver completado a sua educação superior, ter-se-ha tambem concluido o magestoso edificio de sua emancipação politica.

"Tudo é relativo,"

Ha alguns annos o parlamento austriaco legislou assim: a mulher que pagar impostos ao Estado terá o direito do voto.

Agora é a Inglaterra com todo seu conservatorismo, que faz lei, o seguinte: as proprietarias de estabelecimentos agricolas e industriaes, podem tomar parte activa nos negocios politicos!

Hontem, eram cinco mil e tantas mulheres, que destituídas em seus direitos — choravam a crueldade e egoismo da Inglaterra, — hoje, surgem ellas mesmas — e carregando uma bandeira com o nome de *Stuart Mill*, entoam hymnos á fulgurante aurora de sua liberdade politica!

NILO PEÇANHA.

A Sociologia do Sr. Herbert Spencer

(Continuação)

Custa-nos ajuizar o estado da consciencia d'um grego ou d'um romano, depois de termos passado parte da vida á estudar a sua litteratura e civilisação: é difficil, quasi impossivel, que possamos encherger com os olhos do homem primitivo e ajuizar com o seu espirito. Como reviver as concepções extravagantes que deviam ser para elle muitissimo naturaes? Como desfazermos das nossas idéas mais familiares, que nos foram incutidas desde a infancia pela educação, e talvez transmittidas por hereditariedade?

H. Spencer mui bem viu esta difficuldade, porém não se acobardou; seu methodo ousado forneceu-lhe meios de leval-a de vencida.

"Ainda que não estejamos em estado de chegar ao nosso fim por um methodo directo, podemos entretanto approximar-nos por um methodo indirecto.

"Guiados pela theoria da evolução em geral, e pela doutrina mais especial da evolução mental, podemos chegar á traçar os lineamentos principaes das idéas primitivas.

"Desde que tivermos notado *a priori* quaes os signaes que nos podem servir para reconhecer estas idéas, estaremos tão aptos quanto possivel para *imaginal-as*, e em seguida distinguil-as em sua existencia actual" (1).

Por outras palavras, as idéas do homem primitivo nos são desconhecidas; pouco importa; vamos reconstruil-as.

Por exemplo: que idéa poderia elle ter de phenomenos taes como a sombra, o echo, a apparição das nuvens?

(1) Herbert Spencer. *Principios de sociologia*.

Evidentemente a <sup>ver</sup> verdadeira explicação physica não <sup>acha</sup> ao seu alcance. Inicialmente não tinha em seu espirito senão uma confusa massa de noções sem ordem; posteriormente, quando as experiências multiplicaram-se, começa a generalisar ás apalpadellas.

Produz-se em seu espirito um primeiro ensaio de explicação, uma especie de "hypothese inconsciente," que deita em raios de luz no chãos de suas idéas e que parece confirmar-se á cada nova experiência. E' a idéa de que todo ser tem uma dupla existencia, com aptidão de passar de um modo de existir para outro differente.

D'onde vem esta hypothese "inconsciente," chave de todas as idéas primeiras? E' suggerida ao homem pelo facto quotidiano do somno e do sonho, phenomenos tão natutales para nós, e tão estranhos para um espirito inculto.

A fome que o homem primitivo por vezes deve ter padecido, é estado que predispõe para os sonhos: adormece, em sonhos anda a caça; mata a presa, fal-a cozer; ao levar á bocca o primeiro pedaço, desperta.

"Suppor que elle diz: *Tudo isto não passa de um sonho*, é suppor que elle já possui a explicação que não lhe é dado conhecer....

"Acceita sem hesitação o testemunho de sua consciencia; considera o seu sonho como uma realidade.

"Porém outros viram-n'o deitado no mesmo lugar: o que se concluir? que ao mesmo tempo ahi estava e tambem algures; que tem duas individualidades, das quaes uma separa-se da outra, porém volta breve.

"Elle tambem tem uma existencia dupla, á semelhança de muitas outras cousas." (2).

Como provas, o Sr. Spencer cita as crenças de grande numero de povos selvagens. E' o sonho que desperta no homem a primeira idéa do espirito, n'esta phase inicial não é senão *outro eu* differindo do primeiro porque ausenta-se e acha-se em actvidade durante a noute, enquanto o outro repousa.

Tal é o erro fundamental que podia dar a razão das mais desarraoadas crenças e das supertições em apparencia mais absurdas, ás quaes o homem sempre chega logicamente.

Tal é o germen d'onde sahiram as idéas de lemures, almas, espiritos, demonios, o culto dos antepassados, e por extensão, todas as religiões, o feticismo, a idolatria o

culto dos animaes e das plantas, emfim toda a theoria primitiva das cousas.

(Continúa).

HILDEBERTO GUIMARÃES.

### O novo projecto Dantas

A grave, melindrosa e importantissima questão da abolição do elemento servil, que desde a ascensão do partido conservador á alta governação do Estado, parecia ter ficado quasi olvidada, novamente acaba de surgir á larga arena dos debates parlamentares, patrocinada pela autoridade indiscutivel d'um dos nossos mais notaveis estadistas, o Sr. Conselheiro Souza Dantas.

O illustre senador, ex-chefe d'um gabinete que, na phrase de um dos seus mais conspicuos membros, representa "o holoocausto offerecido á grande idéa", reconhecendo a necessidade inadiavel, palpitante, de resolver o mais depressa possivel o magno problema economico e social da transformação do trabalho, em sessão de 1 de Maio apresentou ao Senado um projecto de lei, fixando o prazo de 5 annos, para completa, definitiva extincção da escravidão no territorio nacional.

Não pretendemos fazer aqui a apologia do novo projecto do illustre estadista, e muito menos embrenhar-nos na serie interminavel de considerações que a materia suscita.

A utilidade evidente, irrefragavel, da proposta, sob qualquer aspecto que se a encare, impõe-se aos espiritos os mais refractarios ao movimento civilizador abolicionista.

O projecto do eminente senador tem a nosso ver uma assás eloquente significação.

E' o *ultimatum* que a Opinião abolicionista dirige áquelles que, dominados por um egoismo esmagador, atrophiante, que corrompe ás consciencias altaneiras e rouba a energia do cidadão, ousam sustentar, em face da civilisação e do progresso, a legitimidade da propriedade—homem.

O banimento da escravidão, esse legado abjecto, aviltante, do passado, que é ao mesmo tempo a grande mancha negra da historia patria, ha muito deixou de ser uma simples aspiração humanitaria de corações altruistas, verdadeiramente brasileiros, patrioticos, para se tornar uma força poderosa, extraordinaria, diante da qual impossivel é resistir, parar, retroceder.

Com muito fundamento, assevera um nosso illustre jurisconsulto "A abolição é um acto de inteira justiça, de humanidade, e da mais alta

conveniencia publica; é a aurora da verdadeira felicidade, é o verbo criador da nossa futura sociedade."

A propaganda abolicionista, "essa torrente moral e humana que fazia o orguiho do nosso paiz" (\*) e que tão elevada somma de beneficios espalhou, procurando suavisar a sorte miseranda do escravo, nada lucrou com a promulgação da lei de 28 de Setembro de 1885, a pirataria em roda dos tumulos, na phrase energica e vibrante de Joaquim Nabuco, o intrepido propagador das idéas novas, o athletico advogado dos interesses dos opprimidos.

Ao contrario, os Srs. Saraiva & Cotegipe, revogaram disposições as mais salutaes da grande lei que immortalisou Rio Branco, já negando ao escravo o direito de arbitramento, já considerando-o igualmente como uma mercadoria qualquer, cujo valor monetario se determina para salvaguardar os interesses do proprietario.

E' verdadeiramente contristador vêr que, em pleno seculo XIX, quando as nações se confraternizam n'um só pensamento, combatem em prol d'uma só idéa — a igualdade para todos—que é o regimen da democracia, e n'um pedaço do extenso torrão americano, a escravidão ainda tem proselytos, ainda não está de todo desprestigiada.

O projecto do illustre Conselheiro Dantas, é provavel, que não mereça as honras de ser discutido, estudado com attenção e criterio pelos bons e pacificos senadores, velhos actores cançados de representar sempre a mesma farça politica.

O que aconteceu com o projecto de federação, recebido na Camara por entre os risos e galhofas dos deputados aspirantes á uma libré doirada de ministro, ha de repetir-se ao ser lido o projecto Dantas. E no entanto, se a medida proposta pelo preclaro estadista fosse sancionada e tivesse força de lei, em breve tempo, o Brazil seria, no dizer d'um distincto escriptor "admittido á communhão das Nações civilizadas em pé de igualdade moral e de dignidade humana; ninguem mais teria o direito de lançar-lhe á face a ignominia de manter em escravidão parte não pequena do seu povo, dos proprios nacionaes. A seus proprios olhos, elle seria maior e melhor.

A posteridade o bendaria e olharia com veneração."

MARIANNO DE MEDEIROS.

(\*) Dr. Joaquim Nabuco. O Eclipse do Abolicionismo.

(2) Herbert Spencer. Principios de Sociologia.

## Divorcio

(Continuação)

Pretende-se sustentar a indissolubilidade do matrimonio, em virtude dos interesses dos filhos.

Oh! miseria!

Nós já dissemos o que se deveria entender por interesses dos filhos, mas, se pensão de modo contrario, oução: Procurar-se unicamente para os filhos a fortuna e o dinheiro, e retirar-lhes a educação, prohibidos de harmoniosa direcção na vida moral e social, desafinar-se n'um coração juvenil a corda do amor filial, é sempre e finalmente a theoria dos interesses, infiel na execução e negra no ideal.

Encarada a questão do divorcio pelo lado dos interesses materiaes, ainda assim os filhos não são prejudicados, porque o que actualmente se faz relativamente á separação do corpo, poder-se-ia applicar ao divorcio.

E', portanto, sob o ponto de vista social, que se deve unicamente analysar as vantagens e prejuizos de tal instituição.

Tudo que se affirma como justificativa da separação do corpo, não é um obstaculo terrivel contra o divorcio.

Em favor da separação do corpo se diz: que a faculdade permittida aos esposos separados de se tornarem a casar, seria grave prejuizo para o casamento, porque pela entrada na familia de um padrasto ou madrasta, os filhos destas segundas nupcias serião preferidos aos das primeiras, com sacrificio destes.

Mas compare-se a situação dos conjuges separados á dos viuvos, que facil será a resposta, desde que se apresente este dilema: Ou as segundas nupcias são um bem para os filhos, e então para que a lei as prohibe aos esposos separados?

Ou as segundas nupcias são um mal, e nestas condições, porque a lei concede que os viuvos se casem?

A posição dos esposos separados é a mesma dos viuvos e portanto não ha razão para a lei negar a uns o que concede a outros.

A separação do corpo é incontestavelmente um divorcio muito mais prejudicial que o que queremos, porque ella predomina na sociedade com o lugubre acompanhamento de males incuraveis e sem a minima vantagem, cheia de dores e de anti-theses.

"A separação desune sem libertar, separa os bens e deixa a mulher na tutela do marido, separa as pessoas e deixa ao marido, homem honesto, a responsabilidade das faltas da sua mulher, quebra o matrimonio como laço e o deixa como cadeia.

Não é este o divorcio mais impio, o mais corruptor que jamais algum povo creou e supportou?

Concebo á separação da idade media: então toda a mulher separada era tirada do mundo e lançada n'um mosteiro; se a esposa era victima, pelo menos era salva a santidade do casamento.

Mas que diremos da nossa separação actual?

Uma mulher de vinte e cinco annos (é quasi sempre na juventude que se fazem as separações) vem pedir á lei que a tire a um marido, cujos maos tractos não pode supportar; a lei separa-a, com effeito, deste homem, depois lança-a na vida, sem guia, sem consolação, entregue a sua dôr, á phantasia, a sua vivaz juventude! Que acontece?

Seu isolamento e seu titulo de mulher separada lhe attrahem mil desvelos interessados, mil esperanças injuriosas; parece sempre aos homens que uma mulher separada lhes pertence de direito.

Resistirá ella? Elles se vingarão espiando sua conducta, calumniando até mesmo seu passado, porque, aos olhos do mundo uma mulher separada não repelle uma homenagem, senão porque acolhe outra. Cede, pelo contrario? Vergonha e desprezo sobre ella! Como não tem ninguem para a defender, e como sua falta não se pode occultar atraz do manto do matrimonio, acha-se exposta aos tiros das mulheres rigidadas, que muitas vezes não teem piedade senão porque não teem coração, e aos das mulheres levianas, que não raro se fazem inexoraveis só para parecerem rigidadas. E todavia é ella a culpada, ou é a lei? Não a condemnou a lei, por assim dizer, a delinquir? Arrancae-lhe o coração se não quereis que ella ame aos vinte e cinco annos!

Fallo da mulher separada, porém será menos fatal a sorte do homem? Que cousa mais penosa para um homem de coração, que vê seu nome, o nome de seu pai, o nome de seus filhos divulgado e deshonorado pela mulher que o trahiou? Se uma acção vergonhosa a mancha perante o mundo, se a leva aos tribunaes, é sob o nome de seu marido que ella é condemnada. Se tem filhos adulterinos, é o nome do marido que elles hão de ter, se ella não prova sua ausencia. Não pode ella apparecer num salão, brilhar numa festa sem que este nome pronunciado desperte em todos os espiritos a lembrança do marido, e com esta lembrança o ridiculo que todos lhe ligam!

Ah! tudo se revolta contra a separação!

A separação produz desejos monstruosos no coração dos dois espo-

sos; a separação os leva a desejar a morte um do outro; a separação altera até o amor paternal e maternal."

Em uma sociedade onde o ideal do casamento não é realizado satisfatoriamente, qual é preferivel: o divorcio severamente estabelecido, ou a separação do corpo, como temos, com todas estas consequencias funestas á familia e prejudiciaes ao paiz?

A separação do corpo, além de condemnar a mulher, cidadã, á esterilidade, prohibe muitas vezes que ella na florescencia da vida exercite os carinhos da maternidade, embora tenha sido creada para o amor.

O peor de tudo é que a separação do corpo é uma medida injusta.

A pena só deve ser estabelecida para os culpados, ou auctores do crime.

Mas a separação do corpo pune a mulher, porque exigio de seu marido a observancia dos deveres de esposo; ou pune o marido, porque pedio á lei um castigo para a mulher, que sacrificou o futuro dos filhos e damnificou o campo amado de suas producções.

(Continua).

EUCLIDES QUINTEIRO.

## Molière

João Baptista Poquelin, que no theatro tomou o nome de Molière, pôde ser considerado como o fundador da moderna comedia franceza.

Filho de João Baptista Poquelin, negociante e criado grave do rei, e de Anna Boulét, Molière teve a principio uma educação muito conforme a profissão que lhe destinavam, e até aos 14 annos apenas sabia ler e escrever.

Consequindo, porém, vencer a repugnancia que seu pai, como genuino burguez, tinha ás lettras, entrou como alumno n'uma pensão dos Jesuitas.

Terminada a sua educação, voltou Molière a casa paterna e era, com seu avô, *habitué* do theatro da Borgonha.

Não havia n'esse tempo comediantes fixos em Pariz, e nos theatros representavam-se as peças de Hardy, Montchrétien, Baro e outros que primavam sempre pela falta de meritos dos seus autores.

Richelieu comprehendeu a importancia do theatro como instrumento da grandeza intellectual de um povo, e protegendo os dramaturgos fez reviver o gosto pelas composições dramaticas.

Pedro Cornelle, estreando com a comedia *Mélite*, encheu o palco com as suas producções e a França com o seu nome.

Assim como o sol apparecendo no Oriente annulla completamente os planetas que ainda brilhavam serenos na abobada celeste, assim Molière apparecendo no palco pulverisou os dramaturgos que até então formigavam no theatro.

Adoptando a maxima— *je prends mon bien où je le trouve*, começou elle a encarnizada lucha contra todos os vicios e ridiculos.

Assim nas *Précieuses*, elle stigmatiza a affectação grotesca das mulheres que a todo transe procuram mostrar erudição,

No *Bourgeois gentilhomme*, a eterna lucha ante o plebeiato e o patriciato, sempre renovada sobre diversas formas, e a qual Molière representa no luxo caricato da burguezia querendo hombraer com a nobreza e sendo desfructada por ella.

Nos *Facheux* descreve Molière as atribulações d'um namorado que tendo ajustado uma entrevista com a sua *déa*, não pôde comtudo realisar-a pois sempre a chegada d'um importuno o impede.

No *Misanthrope*, a bôa fé do homem de bem que ainda acreditava na justiça, e que vendo por toda a parte a corrupção triumphar, entrega-se a esse scepticismo que aniquila a consciencia, esmagando o coração.

Com essa intuição peculiar aos genios, elle conheceu o *Tartufo*, o falso devoto e retractou-o magistralmente

Vê-se ahi o hypocrita introduzindo-se no lar domestico, intrigando o pai com o filho, procurando com fingido desinteresse assenhorear-se da fortuna, e ao mesmo tempo da mulher do seu amigo.

E' sem duvida digna de louvores a nobre energia de Molière escrevendo esse drama no reinado de Luiz XIV, esse grande despota que abandona suas amantes para lançar-se aos pés dos confessores.

O *Tartufo* que arrancou a admiração e os applausos de todos os homens de bem, provocou tambem os odios d'aquelles que com uma devoção convencional julgam assegurar o seu lugar no paraizo.

Desencadeiaram-se sobre Molière todas as paixões ruins, e no *Processo das preciosas*, *Elcomire hypochondriaco*, a *Vingança das marquezas*, pretenderam os Villiers, Boursault, Montfleury-filho, reduzir a nada a obra de Molière.

Em todos os escriptos publicados contra elle, porém, não sabe-se o que é mais de admirar si a estulticia do juizo ou a intrepidez dos insultos, e todos esses criticos ca-

hiram e desapareceram embaraçados na purpura genial do grande dramaturgo.

Depois de ter malgrado a critica, recorreram os inimigos de Molière á infamia, e disseram que elle era incestuoso com a filha. Esta torpeza nunca mereceu as honras de uma reputação.

Em 1661 desposou Molière uma moça, filha de um fidalgo chamado Modéne.

A differença da idade, e os perigos que uma atriz moça e bonita corre no theatro. fizeram que o illustre dramaturgo sentisse no lar domestico os mesmos desgostos e ridiculos que elle stigmatizava no palco, e *Georges Dandin* é uma fina allusão ao seu proprio estado.

Sempre doente, Molière nunca poupou a medicina e no *Medecin malgré lui* censurou o charlatismo que encobre a ignorancia de muitos medicos.

Accusam Molière de plagiato notando que o *Tartufo* tem analogia ascendencia nos *Hypocritas* de Seanon, e que o proprio *Misanthrope* orna-se com versos litteralmente traduzidos de Lucano.

Seguindo a opinião de V. Fornel achamos que a verdadeira originalidade consiste muito menos na invenção, do que na composição dos materiaes e na maneira de aproveitar-se delles.

Morreu Molière em Pariz em 17 de Fevereiro de 1673, tendo de idade 53 annos.

A Academia Franceza em 1778, collocou, por proposta de Saurin, o busto de Molière na sala das suas sessões com este distico bastante significativo:

*Rien ne manque à sa gloire ; il manquait à la notre.*

A. O. VIVEIROS DE CASTRO.

### Notas a lapis

A imprensa européa tem-se occupado nestes ultimos dias, quasi que exclusivamente, do casamento do Principe D. Carlos com a Princeza Amelia de Orleans.

Quasi todos os jornaes americanos têm feito commentarios sobre o facto; e a *Tribuna* não devia ser "a nota discordante no meio da orchestra." ou mesmo "uma rabeça manhosa," deixando de fazer uma previsão que sempre suscita um acontecimento de tal magestade!

Isso de dizer-se que o Real Casamento, vai perturbar ou harmonisar o alto movimento politico de duas ou trez nações, amortecer ou avivar certas ambições de graúdos Reaes, pouco adiantará, porquanto

já os jornalistas portuguezes e correspondentes brazileiros que os nossos Diarios lá têm, se encarregaram de o fazer-

No entretanto, esse acontecimento foi causa d'um peccido dos estudantes da Universidade de Coimbra ao rei, para que este os dispensasse dos actos deste anno, mandando matricular-os em series immediatamente superiores!...

Este pedido tem tanto de humilhante quanto de escandaloso!...

Este procedimento, que provocou tão energicos protestos de quasi todas as Academias, que encarado sob qualquer ponto de vista merece ardente e justissima execração publica, que revela ineptia, nenhum criterio, e ausencia completa de brio, é só digno da nossa maior indignação!

O que tinha a realisação d'um casamento *real*, que nos tempos actuaes devia passar desapercibido, porque a igualdade politica já é um aphorismo, com a marcha dos estudos d'uma Universidade?

No entanto, alguns estudantes d'alli, lançaram vivo protesto contra o servilismo da maioria de seus collegas, que embarcaram para Lisboa, afim de exigir *perdão de exame*, e davam vivas ao *heroico, monumental e providencial* casamento!...

Se estes peraltas fossem meninos, estivessem em escola primaria, e pilhassem um d'aquelles antigos mestres... d'aquelles... de palmatoria... do quarto escuro... nos cartazes odiosos na testa... eu mesmo, não sei qual seria a pena imposta... por crime tão ultra-pyramidal...

De Lisboa foi o que nos trouxe o *Tagus*...

Ha uns quinze dias, certo *calouro* abundando em algumas considerações sociaes, eloquentemente atirou-me a seguinte prophesia: "no seculo vindouro, todo cidadão que attingir aos 20 annos de idade, será obrigado a se casar."

Achei ultra-pantafaçado o rasgo do rapaz; no entretanto a cousa nos calou no espirito...

Impressionado com isto, tenho justificado intimamente o mais desasado *casorio*, mesmo porque os entendidos na *materia*, affirmam que "Deus não botou no mundo cousa melhor."

Estou, pois, maniaco pelas uniões matrimoniaes.

Os leitores devem recordar-se, que ha um mez, apparecerão pela *Tribuna* e *Equador* dois contos, um tendo por epigraphe *Marina* e o outro—o *Mendes*.

Marina é uma rapariga travessa... leva as cousas mais serias com a maior flauta... o mundo lhe sorri

com tanta graça, e é tão cheio de flôres, que o artigo mais serio do G. Maiç,—*Docença social*, lhe inspiro as seguintes reflexões :

“Oh! como esse moço é infeliz!...”

Como tudo lhe desagrada... como enxerga tanto vicio na sociedade!

Vou, pois, pedir ao Alvares Costa, que mande *Fr. Guido*, confessal-o... pois quando o padre confessa a gente, a gente fica tão contente... gosta tanto, leva do confissionario tão doces recordações... que eu aposto em como aquelle distincto estudante... depois da confissão, só ha de ver, como eu, violetas e rosas.”

Marina pouco se incommodava, quando um dos seus queridos, deixava de ir vel-a... Jámais eu ouvi de seus labios, esta phrase: estou arrancando...

O Mendes é um *aventurero*, namora para matar o tempo, anda porque lhe é impossivel ficar parado e ri-se porque isso de ficar serio, não é com elle..

Idolatra as flôres do mamoeiro, porque no dictionario amoroso, ellas querem dizer—*inconstancias*...

Sempre viajando pelo littoral de Pernambuco (onde conheceu o Conselheiro Loreto), nenhuma contrariedade tem, e até leva tudo com uma filaucia admiravel!... Marina e Mendes, estes dois filhos do ceu unem-se hoje ás 4 horas da tarde, “pelos laços indissolueis do matrimonio.”

A' vista da semelhança dos genios, elles de certo não podião dar um passo mais acertado.

Quando tive noticia deste facto, fui immediatamente a casa de Oc-

tavio, aquelle rapaz que de poeta tornou-se philosopho, afim de consolal-o, e contei-lhe certas novidades, entre muitas a seguinte: que quando Marina o abandonou, escreveu aquelle cartão amoroso em inglez, ao Mendes, e que isto foi o germen da paixão que os leva hoje a Igreja.

Octavio, comquanto actualmente, se dedique a estudos philosophicos, com a noticia do *casorio*, ficou arrancando.

NIHIL.

Soneto

FABULA

Ella diz todos os dias,  
Quando tem occasião:  
Eu não sei porque razão  
Não posso gostar do Bias.

Mas uma de suas tias  
Lhe disse em tom de carão:  
Eu arrenego do cão  
E das tuas arrelias

E's muito tola creança!  
E se queres me enganar  
Pôdes perder a esperança.

N'outra Igreja vae pregar  
Qu'esta velha te affiança:

QUEM DESDENHA QUER COMPRAR.

BIAS.

Noticiario

*L'Esclaves* é o nome que deu o illustrado Dr. Joaquim Nubuco a uma poesia de sua lavra, escripta em francez e dedicada a Luiz Guimarães Junior, o mavioso e laureado poeta lyrico, auctor dos—*Sonetos e Rimas*.

Estatura mediana, senão menos que tal, elegante e esbelto, mas sem affectação, fronte espaçosa e alta, digno frontispicio d'uma cabeça bem modelada, onde germinam e d'onde brotam concepções geniaes, olhos negros, rasgados, longos e sedosos silios velando o doce melancholico do olhar, nariz levemente aquilino, bocca bem desenhada tendo como que sempre reprimido um ligeiro riso sardanico, bigodes finos, negros, e luzidios, resumem em poucas palavras o bello typo do nosso heróe.

Quando, por vezes, a melancholia estendia as azas cobre a fronte scismadora do artista, elle lançava mão dos pinceis, seus unicos companheiros de vigilia, e então da tela brotava como que sob o influxo da varinha magica de uma fada, uma concepção vaporosa, bella, ideal, impossivel de copia.

Como Deus olhou outr'ora o mundo, depois de creal-o, o artista afastando-se do quadro, aproveitando uma restea de sol mais brilhante, cruzava os braços, e admirava a obra, antes produção do seu cerebro de poeta do que dos seus pinceis de artista.

Se a phantazia de leve soprava-lhe na frente o halito angelico, como a andorinha roça ligeira com as extremidades das finas azas, a superficie serena do lago

O nosso collega de redacção Henrique Martins, traduzio-a em alexandrinos e brevemente, publical-a-ha em opusculos.

Georges Ohnet, o festejado romancista do *Maitre des Forges*, acaba de publicar um novo romance com o titulo—*Les Dames de la Croix morte*, e está extrahindo um drama de seu esplendido romance *La Grande Marnière*.

Recebemos e agradecemos

O 1.º fasciculo da tradução do *Paraíso perdido*, de Milton; 2, 3, 4—do novo romance, do Dr. Carneiro Vilella, intitulado—*Dramas do Recife*.

Temos sobre a mesa o manifesto do Club Republicano do Pará.

Em linguagem brilhante e energica, o directorio paraense mostra cabalmente a necessidade da grande reacção politica, que ha de muito breve abalar o unico throno da America.

Tão eloquente e sincero protesto lançado contra a monarchia que nos avilta, é uma prova inquebrantavel, de que o Brazil não está totalmente pôdre.

Agradecendo summamente o folheto que nos foi enviado, desejamos muita vida e extrema coragem ao centro Republicano do Pará.

O Sr. Dr. Pedro Salazar M. da Veiga Pessoa, mimoseou-nos com a offerta d'um exemplar de seu romance,—*Os dois amigos*. Escripto em linguagem attrahente o roman-

lá se ia o poeta ao theatro, onde tomava um bilhete de primeira, e então de seu *fautouil* apreciava as melodias de Verdi ou de Donizetti, sob uma face talvez não vista ainda.

E' que as almas dos genios voam, suspendem-se, aliam-se das regiões communs da realidade bruta, aos espaços etheros, onde cousa alguma pode perturbar o consorcio sublime de suas sensações.

Ali, ás vezes tendo á seu lado o burguez estúpido, ao qual as exigencias de seus milhões arrastam á profanar o templo da sublime arte, e a *cocotte* impudica, paga muita vez para passeiar nos lugares publicos os brilhantes dos sexagenario libertino e rico, elle era como o condor altivo no meio d'aquellas gralhas *apavoadas*.

Uma noute, cantava-se no nosso elegante theatro o *Trovador*, esta melodia sublime que tão bem nos falla aos nervos e dulcifica as sensações do coração, e por acaso lá se achava o nosso heróe.

De um camarote da *segunda* as objectivas de um binoculo que doudejava incerto por sobre aquellas mil cabeças, como o colibri voluvel por entre os multiplas flores de um jardim, foram fixar-se sobre sua fronte scismadora.

Advertido por este instincto subtil, que nos faz adivinhar um olhar humano fixo

FOLHETIM

ROMANCE

A' H. A. d'Aguiar

Elle era um sonhador, um louco....

Artista, votára o coração e o cerebro ás adorações da arte.

Olhava o mundo como uma multidão de seres infinitamente pequenos, infinitamente orgulhosos, infinitamente estúpidos, aos quaes mal enxergava do seu pedestal de genio.

Um homem assim, é um homem nullo neste seculo de positividades.

Proprietario de uma bella fortuna, producto do trabalho acurado de seus pais, vivia parcamente.

O mundo corrompe com suas vis adulações o individuo que tem os bolços recheiados de ouro.

O homem de genio não pode ser rico... Sem ser devotado sectario da theoria phrenologica de Gall, entendo que do retrato physico de um individuo, muito se pode colligir do seu retrato moral,

Alguns traços, portanto, do nosso personagem.

ce do Dr. Pedro Salazar, se bem que filiado a uma escola decadente e sem nenhum valor perante o movimento scientifico moderno, merece todavia ser lido com interesse, e é uma prova eloquente da bonita intelligencia e fértil imaginação de seu auctor, a quem comprimentamos.

O distinctissimo poeta pernambucano Isodoro Martins Junior, está tratando de publicar a segunda edição das *Visões de Hoje*, acrescentada d'uma synthese artistica e de juizos criticos.

#### *O Crime de Vanderbilt.*

É este o titulo d'um romance historico que está sendo publicado em fasciculos, escripto pelo nosso collega Manoel da Motta Monteiro Lopes. Não podendo desde já emitir juizo sobre o merecimento da obra agradecemos ao seu auctor a remessa que nos fez do primeiro fasciculo.

*Flores e Cardos*—poesias do academico do 4.º anno da nossa escola de Direito, o Sr. Antonio Gomes de Albuquerque.

Destacam-se algumas peças d'um lyrismo agradável e suave, que reconhecem a vocação do joven poeta pernambucano.

Continue que mais para diante bem nos poderá dar mais flôres e menos cardos.

#### A conferencia pronunciada no

em nós, elle levantou a vista que foi cruzar-se, como se devem cruzar no azul do espaço os rutilos raios de Jupiter e Venus, com o olhar ansioso e perscrutador, que se crava através as objectivas do elegante binoculo.

Uma commoção suavissima, até então desconhecida do moço artista, abalhou-lhe todo o ser.

Seu coração e seu cerebro, que só tinham inspiração e seiva pela arte, sensibilisaram-se ante aquelle rosto de anjo com o complemento de um corpo de fada, visto á alguns metros de distancia.

A moça deixava pender no braço o binoculo, mas seus olhos conservaram-se fitos, com persistencia que ella não vencera no rosto do feliz moço.

É que na turba-multa de seus adoradores banaes, ella nunca vira um olhar assim.

Uma corrente magnetica, um fluido que não tem explicação, communicára n'um instante aquelles dous coraçãoes.

Ficou o espectáculo, retiraram-se; elle pensando nella, e ella pensando nelle.

O resto da noite passou-a o pobre moço em completa vigilia.

Desta vez não era a arte que lhe absorvia a attenção.

Começára o mundo a approximar-se

salão de honra do Gabinete Portuguez de Leitura, em 2 de Junho, pelo Dr. Alfredo Pinto, e em homenagem á memoria de Emile Littré, acaba de ser impressa em folhetos. Somos gratos ao seu talentoso auctor pelo brinde que nos fez d'um exemplar.

JORNAES—Temos recebido os seguintes: *Equador, Seis de Outubro, Estudo, Revistinha, Revista Academica, O Oriente*, de Minas, *Seculo XIX*, de S. Paulo, *Piratingy*, de Santos, *O Espirito-Santense*, da Victoria, *Barão de Macahulas e Lanterna*, da Bahia, *Diario da Parahyba, Correio do Natal, Mensageiro, O Liberal*, do Maranhão, *A Imprensa, O Telephone* e o *Reverbero*, de Therezina, *Cosmopolita*, do Pará, *O Vinete e Cinco de Março*, de Campos.

### ULTIMA HORA

Afim de dar uma noticia do espectáculo que em beneficio da intelligente actriz Lucinda Furtado Coelho, estava annunciado para hontem, demoramos a sahida do nosso jornal que só hoje apparece.

Com effeito, realisou-se hontem mesmo com grande aparato o beneficio, subindo á scena o magnifico drama em 5 actos do notavel escriptor A. Dumas Filho—*A Dama das Camélias*.

O theat'o, como sempre acontece quando trabalham allí artistas de

delle — via os homens maiores; menos orgulhosos e menos estupidos.

Um quente raio do sol, já adiantado em seu curso, coando-se através os vidros da alcova, e latendo de chispa na fronte do artista, fel-o erguer-se do leito.

N'este dia estendeu o cavalleto, tomou os pinceis e as tintas, e começou a trabalhar com furia, com a raiva de quem quer esquecer pelo trabalho uma preocupação de espirito.

A tarde a tela apresentava em vez d'aquellas creações phantasticas, ideaes, que brotavam como por encanto de sua imaginação, um admiravel esboço da moça que vira no theat'o.

O artista affastou-se despeitado da tela, e approxinou-se da janellã, d'onde observava mais uma vez a queda lenta e sublime do astro-rei, que se abysmava dentro em breve na immensidade do mar.

Passados instantes, ruidos de passos ligeiros, fizeram-lhe voltar o rosto, arrancando-o de suas meditações.

Diante de si, *oh acaso estranho!* estava a moça da vespera, pallida de commoção, magnifica de andacia.

— Senhor, sei que acabo de commetter nma imprudencia. Menti á minha mãe dizendo-lhe que ia á casa de minha modista, quando tinha intenção de procu-

merecimento real, incontéstavel, regorgitava de expectadores e o entusiasmo foi sem limites.

O publico pernambucano que nunca recusou applausos áquelles que se impõem pelo estudo e pelo talento, patenteou a sua admiração pela distincta actriz, d'um modo assás significativo.

Frenetica e entusiasticamente applaudida pelo immenso auditorio e coberta de flôres e viçosos ramalhetes todas as vezes que apparecia em scena Lucinda F. Coelho foi alvo das manifestações as mais sinceras, entusiasticas e expontaneas da platéa pernambucana.

A grande actriz deve guardar uma recordação assás agradável da noite de seu beneficio, de sua festa artistica em Pernambuco.

A *Tribuna Academica* por sua vez comprimenta e felicita a illustre artista como uma das maiores glorias da Arte Dramatica.

### AVISO

A *Tribuna Academica* assigna-se á razão de 500 réis por mez.

Toda correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da redacção. Praça do Conde d'Eu, 32, 2.º andar,

As nossas columnas são francas aos nossos collegas mediante a condição de assignaturas.

ral-o. Não aprendi ainda á sopitar as expansões do meu coração. Também nunca me foi necessario. Nunca ameio. O senhor foi o unico homem que me soube impressionar. Passei a noite velando. Creia que o amo. Quer-me para sua esposa?

Se sobre a cabeça do nosso heróe se fizesse sentir a descarga de cem pilhas electricas, elle não sentiria uma commoção maior.

Passando o primeiro instante, medio a extensão de sua excepcional ventura.

Por unica resposta levantou e respondeu, que ligava a pequena sala em que se achava ao seu *atelier*, e mostrou á sua inesperada visita a tela que jazia.

Completára-se a transformação, ainda na vespera começada.

O artista, o poeta, o entusiasta dos mundos ideaes, tornára-se homem.

\*\*\*

Alguns dias mais tarde, o casamento, este desenlace-chapa de todos os dramas amorosos, (contra o qual, todavia, nunca ouvi protesto), terminava o romance.

Maio de 1886.

AYRES BELLO.